

# **“O Auto de Um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)”**

**Relatório do projeto de guião de longa-metragem-  
Versão Final- Pós-Defesa**

**João Pedro dos Santos Ferreira**

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em  
**Cinema**  
(2º ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Carlos da Costa Nogueira

**setembro de 2020**



# Agradecimentos

Queria agradecer em primeiro lugar aos meus pais, que sem eles não teria conseguido chegar a esta fase. Obrigado pelo vosso apoio, nas múltiplas formas que se demonstrou. Nunca saberei se vos conseguirei agradecer por tudo o que fizeram por mim. Aos meus amigos, pelo apoio e motivação que me deram durante todo o mestrado. Queria agradecer em especial, à Catarina Mendes que embarcou nesta jornada comigo nos últimos dois anos, tornando-os inesquecíveis e por isso lhe devo um obrigado e à Débora Gonçalves, por sempre me ter motivado a dar o meu melhor, em qualquer circunstância.

Agradeço também ao meu orientador, o Prof. Dr. Luís Nogueira, por me ter acompanhado neste projeto e por último ao Prof. Dr. Paulo Cunha que me ajudou a tomar aquela que foi provavelmente a mais importante, difícil, mas necessária decisão do meu mestrado.

Em resumo: obrigado.



## Resumo

*O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)* insere-se no género cinematográfico de comédia/ drama e acompanha duas personagens, sendo uma delas Daniel, o presidente da junta de freguesia de *Vila Nova do Sabugueiro*, uma vila pouco habitada e praticamente deserta. Quando Daniel tem a súbita realização de que esta é irrelevante e por acréscimo o seu cargo também, decide tomar medidas drásticas. Anos mais tarde, Maria, uma jornalista frustrada com o seu trabalho numa revista cor-de-rosa, é encarregada de escrever uma peça sobre *Sangreal*, o novo nome da vila outrora vazia, que agora é um gigante centro de turismo religioso. Aos poucos começa a aperceber-se de vários detalhes bizarros sobre este suposto “milagre” que transformou esta terra e juntamente com o seu assistente Paulo começam a investigar. E o que descobrem vai mudá-los e à vila para sempre.

Esta história trata dos mais diversos temas: culpa, redenção, ganância, crença. É uma história sobre duas pessoas que não se sentem realizadas e aceitam esse facto de formas muito diferentes. O filme lida também com o quão as pessoas são imperfeitas e são capazes de tudo fazer para conseguirem acalmar os seus medos, mesmo que isso signifique trair a confiança de outrem e mais grave ainda dos seus próprios valores. Outro aspeto relevante da história é o medo do ser-humano de ser irrelevante. De perceber de que aquilo que fazemos pode não importar, pois ultimamente o mundo continua a girar.

De mencionar outro aspeto temático fulcral, a persistência do ser-humano em fazer o mais correto, mesmo que surjam obstáculos que nos impeçam de o fazer, devemos ultrapassá-los, nunca perdendo a esperança em nós próprios e acima de tudo na vida. Cada personagem no guião julga-se o herói da sua própria história, que as ações que tomam não só são as mais corretas como são as necessárias, o que, como podemos atestar após a sua leitura, nem sempre é o caso.

Este guião de longa-metragem é o meu projeto final de mestrado, como alternativa ao meu plano original de realizar uma curta-metragem, que não pode ser realizada devido à pandemia atual de Covid-19. Adianto dizer, que foi a primeira vez que escrevi um guião desta magnitude e constituiu uma experiência bastante desafiante, mas em última análise gratificante.

## **Palavras-chave**

Género; comédia; drama; temas; personagens; longa-metragem.



# Abstract

*The Act Of A Well Intentioned Thief (Trust in God but not in Men)* can be categorized in the genres of drama/ comedy as we follow two characters, one of whom is Daniel, the mayor of *Vila Nova do Sabugueiro*, a very small town, which is sparsely populated and practically deserted . When Daniel has a sudden realization that his town is irrelevant and therefore his job as mayor is as well, he decides to take drastic measures. Years later, Maria, a journalist frustrated with her job in a gossip magazine, is in charge of writing a piece about *Sangreal*, the new name of the once empty town, which is now a giant center of religious tourism. Little by little she starts to realize several bizarre details about the supposed religious miracle that transformed the town and together with her assistant Paulo they start to investigate. And what they discover will change them and the town forever.

This story deals with the most diverse themes: guilt, redemption, greed, belief. It's a story about two people who do not feel fulfilled and come to terms with this fact in very different ways. It deals also with how imperfect people are and how they can be able to do everything to calm their deepest fears, even if it means betraying other people or even their own values. Another relevant aspect of this story is human being's fear of being irrelevant. To realize that our actions may not matter, because ultimately the world keeps spinning.

To mention that, another important theme present throughout the script is the persistence of doing the right thing, even if the obstacles that come our way try to prevent us from doing so, and even if that happens, we can never lose hope in ourselves and above all, in life. Every character in the script thinks that they're the heroes of their own stories, that the action they take are not only correct but necessary, which as we can attest after reading the story, such is not the case for everyone.

This feature-film script, is the final project for my master's degree as an alternative to the short film that could not be made because of the ongoing pandemic of Covid-19. I can say that being my first time writing a script of this magnitude this was a very challenging but ultimately rewarding experience.

# **Keywords**

Genre; comedy; drama; themes; characters; feature-film.



# Índice

1-Introdução	1
2- Sinopse	2
3- Origem do projeto	3
4- Fase de pesquisa	5
5-Inspirações literárias e cinematográficas	7
6- Desenvolvimento das personagens.	10
7- Desenvolvimento da narrativa	14
8-Desenvolvimento do diálogo	16
9- Dificuldades sentidas: curtas metragens vs longas metragens	18
10- Conclusão	20



# Introdução

O presente relatório serve para demonstrar as várias fases de trabalho e pesquisa que levaram à escrita do guião de Projeto Final de Mestrado : *O Auto de um Bom Ladrão ( Em Deus confia-se, nos Homens não)*. Julgo que ao fazer um relatório pormenorizado através das várias fases pelo qual o projeto passou desde a sua gênese, poderá contribuir para uma maior compreensão da forma como construí a narrativa dando contexto à forma como as minhas influências literárias e cinematográficas inspiraram o processo de escrita.

Ao longo das próximas páginas, as várias fases estarão descritas nas páginas seguintes. No primeiro ponto denominado de origem do projeto, irei me alongar sobre as condições em que foi realizado, assim como o motivo de ter escolhido esta opção para terminar o mestrado. No segundo ponto, fase de pesquisa, alongar-me-ei sobre os documentos e materiais consultados que contribuiram para a verossimilhança da narrativa. A seguir temos as inspirações e referências que serviram para me ajudar a construir este guião, sejam elas obras literárias ou cinematográficas.

Os pontos de desenvolvimento da narrativa, das personagens e do diálogo entrarão em pormenor sobre não só como foram elaborados estes aspetos ao longo destes meses, mas também fornecerá justificações para algumas questões artísticas do filme. A terminar iremos passar pelas dificuldades que senti neste projeto e o que posso retirar dele.

## **Sinopse**

“Quando, Daniel, o presidente de uma junta de freguesia remota, se apercebe que a sua vila esta está a tornar-se cada vez mais deserta e irrelevante, decide tomar medidas drásticas para tentar inverter esta situação. Uns anos mais tarde, Maria, uma repórter frustrada que trabalha numa revista cor-de-rosa, é encarregada de escrever uma peça sobre a mesma vila, que é agora um grande ponto de turismo religioso. Lentamente começa a aperceber-se de vários pormenores estranhos e de que talvez exista aqui uma história mal contada. Muito mal contada.”

## Origem do projeto

Algo que já é reconhecido por todos nós, sendo que vivemos numa realidade bastante diferente daquela que conhecíamos é: os tempos mudam. E com eles as vontades também o fazem. Viver num mundo que ainda é assolado pela pandemia do Covid-19 é, em falta de melhores palavras, singular. Usar máscaras em restaurantes, cinemas, supermercados, transportes públicos, tornou-se o novo normal. Assim como desinfetar as mãos regularmente, a qualquer hora do dia. E assim vivemos esta nova normalidade, numa realidade que parecia e (ainda parece) surreal.

Desde que entrei no mestrado, sempre quis acabá-lo com um projeto de filme. Por várias razões. Uma delas, obviamente sendo, porque queria ter mais uma oportunidade de realizar e escrever um projeto com o apoio da UBI. Tendo escrito e realizado dois filmes enquanto estava na minha licenciatura, este suposto terceiro era uma espécie de fim de ciclo. Aos meus olhos, embora perceba que cada coisa que fazemos é produto do seu tempo, não me sentia satisfeito com o último filme que escrevi e realizei na cadeira de Projeto Final da Licenciatura. Sentia que podia ter feito algo melhor. Que não vi o potencial pleno do projeto, ainda por cima de um que me era tão pessoal. Levou bastante tempo a aceitar que realmente todas as nossas ações são limitadas pelo tempo e pelo lugar onde ocorrem. Queria ter um feito um filme em que sempre que perguntasse a opinião às pessoas, estas não encolhessem os ombros num sinal de “está bonzito”, “está okay”, “está engraçado”, “funciona”. Preferia fazer algo em que as pessoas detestassem do que fazer algo medíocre. Algo que provocasse uma de duas reações: ou gostassem bastante ou odiassem bastante. Nunca um meio-termo. Acima de tudo queria ter feito algo diferente. Esta frase soava todos os dias na minha cabeça, como um sino soa na igreja. E isso levou-me à procura de uma ideia que cumprisse todos estes objetivos.

Quando a encontrei e a desenvolvi, estava num estado de êxtase. Achava que tinha encontrado a ideia perfeita. Era singular. Era original. Era uma espécie de despedida a esta fase que iria terminar. E achava que finalmente iria conseguir provar a mim mesmo que era capaz de fazer um projeto que pelo menos aos meus olhos fosse bom e diferente. Tinha começado a reunir uma equipa em que confiava plenamente e que na minha opinião, seria a única capaz de tornar aquela ideia tão extravagante em algo real, tangível. Curiosamente o nome, *Supernova*, fez jus ao projeto: da mesma forma como estávamos finalmente a avançar rapidamente para o desenvolvimento e produção, inesperadamente, o filme morreu. Foi abaixo. Um projeto que levou um ano a desenvolver, a fazer pesquisa, a reunir a equipa, a criar uma campanha de

crowdfunding, a falar com atores, tinha deixado de ser viável. Foi nada mais que um sonho fervoroso. E assim, no momento em que estava quase a transitar para a nossa realidade... Voltou ao sítio onde tinha estado muito tempo: ao meu imaginário. E é agora, o que foi: uma ideia apenas. O motivo? A pandemia que vivemos agora.

Aconselhado pelo meu orientador e pelo meu diretor de mestrado, tinha de arranjar uma alternativa que conseguisse ser elaborada apenas por mim. Pensei brevemente em fazer um projeto mais pequeno. No entanto depois de ter estado um ano a elaborar o *Supernova*, nenhum projeto me parecia bom o suficiente. Nenhuma ideia era, a meu ver, decente. Se ia acabar o mestrado tinha de o fazer com um projeto que me orgulhasse de alguma forma. Que me desafiasse. E que correspondesse aos objetivos que eu tinha para o *Supernova*: que fosse bom e diferente. E uma ideia surgiu. Decidi escrever um projeto de longa-metragem. Era um desafio bastante diferente de qualquer um que eu tinha tido até hoje. E já tinha uma ideia, que poderia ser interessante desenvolver.

O meu único senão era de que a narrativa era bastante complexa e tinha um grande número de personagens. Para acrescentar, a narrativa acompanha duas personagens que se encontram esporadicamente na história, ou seja, esta acompanharia duas linhas narrativas que estariam a acontecer em simultâneo. E os temas com que o guião lida são delicados. Existem questões legais que teriam de ser pesquisadas. Sempre achei que esta ideia seria algo que eu apenas desenvolveria daqui a uns 10 anos ou 15 anos, caso tivesse a sorte de continuar a fazer filmes até lá.

Em contrapartida pensei que seria uma adversidade interessante. Havia esta vertente de complexidade que era tentadora. As personagens e o seu diálogo seriam interessantes de contruir. E acima de tudo: era diferente. Extravagante. E assim pensei que não haveria melhor forma ou altura para a desenvolver. Seria intrigante ver como eu lidaria com a complexidade da narrativa e das personagens. Se eu teria sucesso. Ainda por cima com um tão curto espaço de tempo. E cheguei a uma conclusão: que sempre gostei de desafios. Era uma forma também de testar a ideia. Será que era boa? Será que tinha potencial? E com estas perguntas decidi avançar com a pesquisa. E assim nasceu *O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)*.

## Fase da Pesquisa

Esta fase é crucial para o sucesso de qualquer projeto. Não importa o quão familiarizados pensemos estar com um tema, ajuda sempre pesquisá-lo e aprofundá-lo ainda mais. O mesmo digo quando o oposto acontece: quando não estamos familiarizados com um tema, pesquisa é essencial para o retratarmos fielmente e respeitosamente, especialmente se forem temas delicados.

Houve dois aspetos que requereram uma maior pesquisa, pois eram partes importantes da narrativa. Um desses aspetos era o catolicismo, que é um aspeto fulcral do filme, como dá para perceber. Teria de aprofundar os meus conhecimentos e de conhecer aquilo que desconhecia. Dando o exemplo da cena inicial, em que deparamos quase de imediato com um serviço religioso, este teria de ser escrito fielmente. Apesar de o filme ter alturas menos realistas, é preciso que estes momentos sejam verossimilhantes.

Como tal, tendo estado confinado em casa durante algum tempo, assisti por via de *lives* do Facebook a cerimónias religiosas. Li também o primeiro livro de Bíblia, Génesis e algumas passagens de livros posteriores relacionadas com alguns temas que queria explorar nomeadamente a ideia da culpa e do peso das nossas ações no contexto católico. Havia uma passagem que se encaixava nestes parâmetros. Estava relacionada com São Dimas (ou “O Bom Ladrão”), e com o Mau Ladrão (ou “O Ladrão Impenitente”). Fala sobre dois ladrões que foram crucificados com Jesus Cristo. Enquanto que o Mau Ladrão desafiou Cristo a salvar-se a si mesmo, São Dimas ao reconhecer-se pecador e crer em Cristo, foi perdoado e recebido no Paraíso, segundo o Evangelho de Lucas. Passagem esta que abre o filme. E aqui é estabelecida uma das maiores temáticas do filme: a da imperfeição das pessoas e a sua capacidade de melhorar ou piorar.

O segundo desses aspetos que deram origem a bastante pesquisa, estava relacionado com o dinheiro das instituições públicas e a forma como este é usado. Ou seja, sendo que as Câmaras Municipais e até Juntas de Freguesia são instituições públicas, queria saber se era possível consultar o orçamento que têm e a forma como este é usado e em quê. Para tentar obter respostas às minhas perguntas, fui consultar as páginas da Câmara Municipal do Porto e da Câmara Municipal de Matosinhos.

Consultei e analisei inúmeros documentos, tendo chegado à conclusão que de facto era possível sabermos de que forma algumas instituições públicas gastam o dinheiro dos contribuintes. Por exemplo num dos documentos que consultei no *website* da Câmara Municipal de Matosinhos, este revelava umas obras ocorridas numa sala de

conferências assim como a data, a empresa que tinha sido encarregada e o custo desta. Noutra ocasião consultei um relatório de contas da Câmara Municipal do Porto, também disponível no *website*, que continha entre outros aspetos, o orçamento que a C.M.Porto tinha para o ano em questão.

## Inspirações literárias e cinematográficas

As referências artísticas que li e visualizei estão diretamente relacionados com alguns objetivos que eu tinha para a narrativa e as suas personagens. Como já tinha mencionado queria escrever uma história em que as personagens fossem em grande parte imperfeitas. Ambíguas. Que estivessem a lidar com as suas próprias frustrações enquanto tentavam escolher o rumo certo para as suas vidas. Que tivessem os seus erros, os seus defeitos, as suas lutas próprias.

Neste sentido houve uma obra literária que foi uma referência enorme para a construção das personagens: *A Tragédia de Júlio César*, de William Shakespeare. Girando em torno do assassinato de César e as repercussões nos seus aliados e inimigos, Shakespeare faz algo único com cada uma das personagens: cada um tem os seus motivos, cada uma acha que as suas ações foram as mais corretas e necessárias. Facilmente podiam as motivações das suas personagens cair no comum, no básico. Dando o exemplo de Brutus: podia ser uma personagem que tivesse inveja de César. Que o detestasse. Que fizesse as suas ações por motivos de ganância. Mal tal não acontece. Muito pelo contrário: Brutus, faz o que faz, no seu entender, pelo bem de Roma, pelo bem dos seus cidadãos e comete este vil ato com um coração pesado, pois César é um grande amigo.

Outra inspiração literária bastante importante foi Gil Vicente, nomeadamente a sua peça mais conhecida, *O Auto da Barca do Inferno*. As razões são inúmeras: as suas personagens imperfeitas, a forma como usa o diálogo para distinguir as suas personagens e acima de tudo pelo seu grande foco narrativo na culpa e redenção aos olhos de figuras tipicamente associadas com a religião católica, neste caso um Diabo e um Anjo.

Personagens imperfeitos com motivos duvidosos existem em abundância no cinema de uma dupla de realizadores notável: os Irmãos Coen. Grande parte dos seus protagonistas são personagens desagradáveis, desiludidos com as cartas que a vida lhes deu e por isso decididos a mudá-la. Dois filmes especificamente, foram referências: *Fargo* (1996) e *Burn After Reading* (2008). Parte pela comédia negra, parte pelas decisões que as personagens tomam que nos deixam a ponderar a sua inteligência, mas acima de tudo pela sua capacidade de mudar de género cinematográfico de um momento para o outro: é uma comédia, depois é um drama, segundos depois é um thriller. Nos filmes dos Irmãos Coen, as personagens querem algo. Algo que sabem que

não lhes pertence ou não podem ter. Tomam ações que acreditam ser as melhores e nunca as são, pagando caro por isso. Ação→ Reação.

Outro dos objetivos que eu queria cumprir era o de criar uma narrativa que se assemelhasse a um thriller, a um filme de mistério. Um jogo de gato e de rato entre as personagens de Maria e Daniel, que embora soubessem da existência um do outro, teriam muito poucos encontros. Ou seja, as suas narrativas aconteciam de forma paralela. Nesse sentido, um realizador foi uma grande referência: David Fincher, conhecido pela sua capacidade de criar narrativas misteriosas, carregadas de suspense e mistério. Destaco três obras: Em especial *Zodiac* (2007), *Gone Girl* (2014) e *Seven* (1995). As personagens destes três filmes têm vários aspetos em comum: estão numa procura obsessiva por alguém que acreditam ser um grande perigo para a sociedade. Esta perseguição faz-lhos embarcar numa jornada perigosa, trazendo consequências a que os muda a nível pessoal assim como a visão que têm do mundo.

A estes filmes acrescento mais três: *Spotlight* (2015), *Citizen Kane* (1941) e *Inherent Vice* (2014). *Spotlight* lida com um tema delicado e explora um caso através dos jornalistas que os investigam. À medida que vão fazendo mais descobertas chocantes, vemos os efeitos que isso causa neles próprios e nas suas vidas. Os seus valores, aquilo que pensavam que sabiam, é posto à prova. Mas mesmo assim, sabem que têm de continuar. Pelo bem-comum. Têm que fazer a coisa mais acertada, por muito que certas instituições ou pessoas no poder os tentem parar. *Citizen Kane* também tem esta vertente de procura da verdade, de tentar conhecer alguém com base naquilo que contam dele e vermos todos os seus lados e prismas do seu ser, sejam bons ou maus. Charles Foster Kane é alguém que por vezes nos parece generoso, por vezes ganancioso, por vezes pacífico, por vezes violento. Acompanhamos a subida e a subsequente queda de alguém que nos parece real, principalmente por termos visto os momentos bons e maus da sua vida. Por último, *Inherent Vice*, tem uma narrativa de mistério policial, não muito dissemelhante dos filmes que mencionei, ao termos um detetive privado a investigar um caso aparentemente simples mas que se torna gigante, mais do que aquilo que poderia imaginar. Tem, no entanto, aspetos que o diferenciam: o seu tom humorístico e por vezes surreal, acompanhado de personagens extravagantes e singulares.

Isto traz-me a mais um objetivo que eu queria cumprir: o de contar esta história sem nunca perder o seu humor. Esta é uma parte muito importante e como tal tive referências que são clássicas para qualquer fã de comédia: *Monty Python and the Holy Grail* (1975) e *Life of Brian* (1979). O seu humor ridículo, misturado com as ações e

decisões não muito sensatas das suas personagens, foram sem dúvida aspetos que eu tive em conta. Em termos de tom, o guião teria sempre esta aura de realidade “semi-fantástica”. Ou seja, embora grande parte dos seus acontecimentos se desenrolassem de uma forma algo realista, queria que em certos momentos, este sentimento pudesse ser posto de lado. Seja devido às decisões ridículas tomadas por uma personagem ou então devido a um momento de reflexão ou de realização de uma das suas personagens.

Apesar de o humor estar presente numa grande parte do guião, não queria colocar de lado a sua vertente dramática. Isto porque, por muito ridícula que fosse uma decisão de uma personagem, esta tinha de ter consequências. Que não fossem em vão. Que a afetasse, seja de que forma fosse. Tínhamos de ter uma janela para os seus momentos de fragilidade. De angústia. De dor. De tristeza. De desilusão. De trauma. De arrependimento. De medo. Aliás, uma das temáticas do filme é, literalmente, a forma como as pessoas se corrompem e fazem aquilo que for possível para se agarrarem a uma ilusão qualquer de poder. Que duas pessoas se possam sentir frustradas com a sua existência e encarar este facto de duas formas completamente opostas. Neste aspeto, três filmes que, na minha opinião, combinam estes elementos, drama e comédia na perfeição que e me serviram de exemplo, foram: *Punch Drunk Love* (2002), *The Lobster* (2015) e *Uncut Gems* (2019).

*Punch Drunk Love* tem uma comédia muito particular e o mundo em que o filme se desenrola parece quase semelhante ao nosso. Quase. As personagens agem de formas estranhas, o mundo age de forma estranha e apesar disso conseguimos nos aperceber daquilo que Barry Egan (Adam Sandler) quer: ser feliz. Apenas. E apesar de ser um objetivo simples é difícil de o cumprir. *The Lobster* é algo semelhante a *Punch Drunk Love* no sentido em que a personagem de Colin Pharell também quer ser feliz ao lado de alguém que ama. Acompanhamos as suas atribulações neste mundo bizarro que insiste em que as pessoas nunca estejam sozinhas, que encontrem a “pessoa perfeita”. A sua comédia tão particular, tão bizarra, tão única foi uma inspiração. *Uncut Gems* balança inúmeros elementos diferentes: comédia, drama, thriller mas a razão que o torna uma referência pessoal recai na forma como acompanha uma personagem que tem a sua dose considerável de defeitos e a vemos tomar decisão atrás de decisão que nós enquanto espectadores sabemos que não é a mais acertada, enquanto que Howard (Adam Sandler) pensa o contrário. Achei curioso poder construir um filme em que o público e uma das personagens principais estivessem em posições completamente opostas.

## Desenvolvimento das personagens

Como referi nos capítulos anteriores, imperfeição era a palavra-chave na construção das personagens. Queria que estivessem a lidar com os seus problemas ou frustrações de formas talvez não muito saudáveis. Foi sem dúvida desafiante lidar com um leque muito grande de personagens. Embora nem todas tivessem o mesmo tipo de atenção narrativa, tinham de parecer reais, humanas, por muito pequena que fosse a sua intervenção; tinham de ter um pequeno momento para brilhar. Um pequeno detalhe que decidi incorporar no filme, foi que, sendo a religião católica um dos aspetos fulcrais do filme, decidi que os nomes das personagens seriam quase na sua totalidade, retirados da bíblia ou de origem bíblica.

Daniel e Maria são os protagonistas do filme. Passamos muito tempo com ambos e os eventos que acontecem são filtrados através suas perspetivas. As personagens à sua volta ajudam a trazer as suas qualidades e defeitos ao de cima. Conseguimos ver como Maria e Daniel verdadeiramente são, não só pelas suas ações, mas também pela forma como interagem com as outras pessoas. Abaixo, estão algumas descrições de personagens. Embora existam mais, vou-me focar aqui nas personagens do Daniel, da Maria, do Emanuel, do Paulo, do Toni e do Jaquim, do Padre Gabriel e de Sara.

**Daniel** - Foi a primeira personagem que “nasceu” na minha cabeça. Sabia que tinha de ser alguém que ao longo do filme, ficasse cada vez mais ganancioso, violento, que se tornasse uma versão horrível de si mesmo. Sabia que ia ser barulhento, violento e grosseiro. Aquilo que mais me atraiu para esta personagem foi o facto de não ter qualquer tipo de filtro ou de interesse genuíno pelos outros. Queria que fosse inteligente e algo que me propus a fazer foi que a sua “queda” ou perda de poder, não fosse inteiramente causada pelos seus erros, mas sim pelos erros das pessoas à sua volta que maltrata constantemente. Daniel é alguém que já desistiu da vida. Já desistiu de lhe dar sentido. E por isso mesmo, faz aquilo que mais ninguém faz: não olha a meios para atingir os seus fins.

Em suma, Daniel é alguém que não sabe processar a sua dor. Sabemos que perdeu a esposa, mas não menciona isso muitas vezes. Aliás falar sobre isso é desconfortável. Guarda essa dor, essa raiva para si, raiva essa que acumula até que explode por todos os lados. Acredita genuinamente, com todas as certezas, que a vida não tem significado. Que nada existe depois de nós morrermos. Isso torna-o arrogante. E perigoso. No entanto, existe uma pequena parte do seu ser que fica assustada com isto. Que se realmente houver vida depois da morte, irá ser castigado até ao fim dos tempos. Daí

nasce a ideia de simular um acontecimento religioso. Queria também que Daniel tivesse algumas semelhanças com a personagem de Maria: de beber para afogar as suas mágoas, de se sentir frustrado com o seu trabalho e de sentir a vida meramente a passar por si. No entanto, Daniel tem um lado curioso. Principalmente quando falamos do seu braço direito, Emanuel, que por muito que tome decisões erradas e irresponsáveis que o prejudiquem, este acaba por simpatizar com ele. Por muito que não admita, acaba sempre por continuar a querer a sua presença. Porquê? Talvez porque Emanuel é seu empregado. Talvez porque Emanuel tem medo dele e Daniel gosta disso. Talvez porque é o único que permanece, seja por que razões forem, a seu lado. Talvez porque se sente solitário.

**Maria** - A nossa outra protagonista. Foi a segunda personagem a “nascer”. Maria, como mencionei, tem algumas semelhanças com Daniel: também tem um emprego que odeia, lida com os seus problemas pessoais de forma imprudente e tenta guardar as suas angústias para si. No entanto, as semelhanças acabam aqui: Maria é alguém que apesar de não se dar com muitas pessoas, gosta genuinamente de ajudar quem pode. Sabe que a verdade é mais importante do que qualquer outra coisa. É também alguém que tem os seus valores morais definidos: mal vê ou sabe de alguém que esteja a aproveitar-se de outra pessoa, reage a isto com indignação. Vê-se isso quando chega a *Sangreal*: fica impressionada com a magnitude daquilo tudo, mas rapidamente fica incomodada quando se apercebe que é tudo apenas uma fachada, que alguém está claramente a aproveitar-se da fé das pessoas.

Gosta também que as pessoas à sua volta se sintam bem: vemos isso com o seu assistente Paulo, que tenta-o deixar à vontade, mal estão a chegar a *Sangreal*. Ouve sempre as opiniões dele. Mesmo quando não concorda com elas. Motiva-o a pensar as coisas de forma diferente. Tenta avisá-lo que nem tudo é o que parece. Muito menos as pessoas. Maria é teimosa, decidida e muito inteligente. Consegue captar instantaneamente qualquer pedaço de informação que pareça estranha ou suspeita, mesmo quando as pessoas à sua volta consideram o mesmo pedaço de informação irrelevante. É alguém, que considera a sério as suas ações. Quando perde Paulo, apesar de o conhecer há poucos dias, fica gravemente afetada. Principalmente porque se culpa a si mesma. Sabe que mesmo que tenha sucesso a desmantelar a fachada que é *Sangreal*, Paulo perdeu a sua vida. Nada irá mudar isto. E nunca irá se perdoar. É alguém que sabe como o mundo funciona. E tem um arco contrário ao de Daniel: torna-se uma versão melhor de si mesma durante o desenrolar da história.

**Emanuel** - O braço direito de Daniel. É a pessoa em quem confia acima de tudo. No entanto a sua obediência não é tão cega quanto Daniel pensava. Através dele podemos ter uma melhor noção das ações do sr. Presidente. Esta personagem serve como uma espécie de espelho. É com ele que Daniel retira a ideia de fingir um evento religioso, é com ele que descobre que tudo o que contruiu pode ruir a qualquer momento, é com ele que tenta arranjar uma forma de “assustar” a personagem de Maria de modo a que esta não encontre algo que os comprometa. Apesar de Emanuel se precaver caso o seu superior aja contra ele, permanece-lhe, de alguma forma, fiel. Em suma: Emanuel evidencia o quão Daniel pode ser cruel, manipulador, violento, ganancioso e ter um completo desrespeito pelos outros.

**Paulo** - O seu propósito não é muito dissemelhante do de Emanuel. Através dele conseguimos ver mais aspetos da personalidade de Maria. A sua teimosia. A sua convicção. E acima de tudo o respeito que tenta ter por outras pessoas. Especialmente aquelas que não a tentam enganar. Apesar de não acreditar nas teorias de Maria, este presta-lhe ajuda na mesma. Vemos que é alguém que ainda consegue ficar impressionado com as maravilhas da vida. Em outras palavras: É inocente. Algo que Maria tenta mudar nele ao tentar mostrar que as pessoas não são o que parecem. E a relação de Maria com Paulo é muito diferente da que Daniel tem com Emanuel porque é uma relação de igualdade: Paulo é respeitado por Maria. Os seus pensamentos importam. As suas opiniões importam.

E Maria revê em Paulo um bocadinho de si mesma: aquela ambição que temos quando somos jovens e achamos que o mundo é nosso. A sua morte tem um impacto gigante na narrativa. É, provavelmente, o acontecimento mais significativo. É repentina. Inesperada. Foi feita para chocar. E até pode ser um pouco revoltante: pois a personagem mais simpática, mais inocente de toda a história é aquela que sofre a consequência mais terrível. No entanto, simboliza um ponto de viragem titânico para a narrativa e para as suas personagens: Maria volta a ganhar a convicção de que alguma coisa está errada e que o presidente está por trás disto. Ela apercebe-se que a morte de Paulo não pode ser em vão e por isso não desiste de investigar. Para Daniel significa o início do fim do seu reinado. E com isto vai trazer à tona um comportamento ainda mais errático dele e de todos à sua volta que querem tentar encobrir as suas ações criminosas.

**Toni e Jaquim-** Duas personagens que funcionam como uma. A ideia é desconstruir aquela ideia clássica de capangas criminosos que são homens frios e grandes, desprovidos de sentimentos e fazem qualquer função que lhes seja atribuída de forma competente. Aliás é por isso mesmo que os nomes com quem eles nos são apresentados inicialmente são de Dimitri e Ivan. E as suas posturas são de pessoas que poderiam estrangular Daniel e Emanuel sem pensar duas vezes. São na verdade o contrário: são sentimentais. Demonstram carinho e compreensão um pelo outro. Fazem o que fazem não necessariamente por causa do dinheiro, mas porque de certa forma até gostam. Percebemos isso quando a ideia de ir para a prisão é reconfortante. São eles que causam o acontecimento mais inesperado do filme e da forma mais inesperada também. E os seus valores morais não são difíceis de perceber: se fazem um trabalho, têm de ser pagos. Senão as consequências virão. Eles também contribuem para vermos Daniel no seu estado mais psicótico. Fazem parte da sua queda monumental.

**Padre Gabriel-** É uma personagem-chave do filme, embora não apareça muito. É alguém que tentou desafiar Daniel e falhou, e isso trouxe-lhe consequências. Vive com medo do que podem fazer à sua família. É alguém que, apesar de acreditar no melhor das pessoas, também consegue ver que estas são capazes de tudo para terem o que querem.

**Sara-** É compreensiva. Ponderada. Deixa a razão guiar as suas ações embora estas não estejam desprovidas de emoções. Sabe do que as pessoas são capazes e acima de tudo acredita que Maria pode estar a falar a verdade. Mas precisa de provas. Quer fazer tudo pelos melhores caminhos, é alguém que acredita que os fins não justificam os meios. Quando analisa os documentos descobertos por Maria, sabe que vai ser um caso complexo e que a paciência é fundamental. Sabe que se vamos enfrentar o dragão, é bom que a nossa espada esteja afiada.

## Desenvolvimento da narrativa

Sendo a primeira vez que iria escrever um guião de uma longa-metragem, tive de considerar vários aspetos relacionados com a forma como eu escrevia anteriormente. Em primeiro lugar, como se tratava de uma história algo complexa, que acompanhava vários personagens e eventos, alguns em simultâneo, tinha de começar por planear bem a estrutura narrativa. Não a delineei de uma forma matemática como “quando chegar à página X, Y tem que acontecer” ou “o diálogo na cena A tem que abordar os seguintes temas: B, C, D e E”. Pessoalmente, não acredito muito em estruturar ou planear um guião ao pormenor pois acredito que deve ser algo vivo, instantâneo, fruto do que vem à nossa cabeça no momento. E caso alguma cena ou secção do filme esteja menos boa, é justamente para isso que servem as reescritas. No entanto, como tinha muito terreno para cobrir, e para o guião ser minimamente consistente, algum planeamento tinha de ser feito.

Dito isso, o que fiz foi organizar a história do filme por momentos. Escrevia um determinado acontecimento em poucas palavras e escrevia o momento que se seguiria indicado por uma seta. Usei isto mais na primeira parte do segundo ato, a partir da primeira vez que Maria e Daniel se encontram. Isto porque sabia que seria a partir daí que a narrativa ia ficar mais complexa. Iriam acontecer muitas coisas, iriam aparecer muitas personagens e por isso achei necessário.

Mesmo assim, olhei para este “gráfico”, por assim dizer, mais como umas indicações e não como um manual.

Por outras palavras era algo a ter em conta e não algo que teria de seguir obedientemente. Como referi, acredito na vivacidade das histórias, acredito que se moldam à medida que se vão contruindo e até improvisando. Julgo que se planearmos uma história muito meticulosamente, acaba por perder a sua essência. Sabia também que seria uma história cuja narrativa iria desafiar o espectador, desconstruindo arquétipos que conhecemos. Vemos isso pela mistura de géneros com que a narrativa é moldada: de comédia a drama, de thriller a suspense, de musical a fantasia. A forma como estes se misturam e se alternam, põe à prova os personagens e ao mesmo tempo os espectadores. Estando a lidar com um grande número de personagens ao longo da narrativa, quis dar momentos especiais a todas elas, não importa o quão pequeno fosse o seu papel, queria que todos tivessem o seu momento de brilho.

Propus-me também a escrever a ação do guião de uma forma diferente. Não queria que fosse meramente objetiva: “Personagem A senta-se na mesa. Lê um livro. Fecha o livro.

Levanta-se da mesa”. Queria algo que desse substância e que fosse um pouco como um livro tendo em mente, claro, que cada coisa que seria escrita tinha de ser mostrada visualmente ou pelo menos sentida pelas personagens. Na minha opinião ajuda, as pessoas que leem o guião a apreciar a história, sejam eles membros da equipa ou atores. Imprevisível. Foi assim que tentei construir a história e os seus acontecimentos, uma história que a cada minuto que passasse se reinventasse e uma que não pudesse ser adivinhada pelas pessoas que a leem.

Este foi o esquema que usei a partir do momento em que Maria e Daniel têm o seu primeiro confronto. Vão reparar que existem momentos que não aconteceram, momentos que aconteceram no guião mas que não estão presentes no esquema, ou então momentos que foram trocados de ordem, fruto do que ia acontecendo na história à medida que a escrevia:

*Maria e Paulo saem do gabinete → Reunião em casa de Daniel c/Emanuel e Vereadores → Maria e Paulo conversam sobre a entrevista ao presidente → Maria e Paulo entrevistam habitantes da vila → Uma senhora fala da noite do milagre → Menciona o padre anterior que foi embora logo depois do milagre → Esta senhora refere que tem uma lembrança da noite do milagre → Maria troca o conteúdo do frasco → Maria encontra-se com o novo padre para tentar contactar o padre anterior → Daniel, Emanuel e o Padre encontram-se num lago a pescar → Daniel janta e depois vai levar flores ao memorial da falecida mulher e tenta “falar com ela” → Inauguração da festa de Celebração do Aparecimento de Cristo → Daniel e Maria cruzam-se mas este ignora-a → Maria vai até a uma barraca e tenta deitar abaixo os copos → Maria vai até aos registos → Maria e Paulo voltam lá várias vezes → Daniel sabe disto → Telefona ao chefe de Maria → Encontram-se num café → Maria não desiste → Daniel fala com Emanuel → Encontram-se com os capangas → Bomba no carro → Maria conversa com a polícia → Daniel fala com Emanuel no seu gabinete → Maria vai ao bar para se distrair → Recebe uma chamada → Volta a olhar para os arquivos → Descobre uns documentos comprometedores → É seguida pelos capangas → Estes tentam atropelar Maria → Lutam com Maria → Vai até à igreja → Confronta-o → Fala com a PJ → Semanas depois Daniel é preso → Maria tem atenção nos media → Maria fala com Daniel na prisão → Daniel fala com Emanuel → Fim.*

## Desenvolvimento do diálogo

A escrita do diálogo em qualquer guião que seja, é das tarefas mais desafiantes e cruciais. Através dele, o tom do filme é estabelecido, a narrativa é desenvolvida e as personagens são caracterizadas. Através da sua forma de falar, pela escolha das palavras que usam, conseguimos de certa forma conhecê-los um pouco melhor. Funções importantes do diálogo, são claro de avançar a narrativa ou de dar a conhecer melhor as suas personagens. Este equilíbrio foi sem dúvida, um que eu tentei manter ao máximo.

Da mesma forma como não gosto muito de estruturar ou definir um guião antes de o escrever, o mesmo digo quando o assunto é sobre diálogo. Especialmente porque o diálogo tem de ser espontâneo. Nasce naquele momento e, no meu processo, o momento é numa determinada cena que estiver a escrever. É como se eu e as personagens estivéssemos em sintonia, a pensar no que dizer e como o dizer ao mesmo tempo.

Apesar da narrativa ser influenciada por uma variedade de géneros, o diálogo do filme, teria de transmitir alguma dose de realidade. De tentar passar que Daniel, Maria e as personagens à sua volta vivem num mundo não muito dissemelhante do nosso. E para garantir esta realidade, esta espontaneidade do diálogo, usei interrupções, reticências, repetições, escrevi frases inacabadas, tudo isto porque julgo que se assemelha um bocado à forma como falamos: nem todas as frases que saem da nossa boca são poéticas ou necessariamente bem-construídas.

Existe também claro uma vertente de intenção no diálogo das personagens. Ou seja, que com uma determinada linha de diálogo, seja ela qual for, nós nos pudéssemos interrogar sobre qual seria a intenção por detrás da personagem que profere estas palavras? As palavras que proferimos podem ser espadas de dois gumes: podem significar aquilo que são ou exatamente o seu contrário. Como refere uma das personagens da série da HBO, Sucession: “What are words...just complicated airflow”

Em resumo: queria que as palavras que saíssem da boca de Daniel, de Maria, de Emanuel, ou de Paulo, por exemplo, nem sempre fossem relacionadas com a sua personalidade geral. Algumas personagens dizem coisas meramente para magoar outras pessoas. Ou para provocar. Até podem dizer coisas que não acreditam de maneira nenhuma. Seja a coisa mais ridícula possível. É algo que eu considerei bastante: instrumentalizar palavras, para estas serem únicas perante os personagens

que as proferem. Serem como uma impressão digital. Mesmo quando estas não são genuínas ou intencionais. Porque, como todos nós, por vezes dizemos coisas que nos arrependemos instantaneamente. Ou dizemos algo com o objetivo de magoar alguém. E claro está, são cruciais para realçar algumas situações humorísticas. São um complemento à situação. Uma nota que nos faz aperceber ainda mais do ridículo de um determinado acontecimento. E adaptar o diálogo às personagens que as proferem é um pouco como tentar perceber o ritmo de cada uma. E este ritmo tem de ser único. Singular. De que forma a personagens X constrói as frases? Que tipo de palavras usa? Interrompe-se muitas vezes? É grosseiro? Fala muito? Fala pouco? É sarcástico? Que palavras usa quando está irritado? Que palavras usa quando está relaxado?

## **Dificuldades sentidas: curta-metragem vs longa metragem**

Sendo um projeto bastante desafiante e diferente daquilo que eu já tinha explorado, consigo veio um acréscimo de dificuldades, devendo-se principalmente ao facto de eu apenas ter escrito curtas-metragens. Existem diferenças radicais, e apesar de parecerem óbvias, são aspetos que normalmente não consideraria pois nunca escrevo neste formato.

Em primeiro lugar, numa curta-metragem temos de ser diretos. Cada cena que é usada no filme tem de ter uma razão muito forte para lá estar, caso contrário estamos apenas a adicionar minutos sem razão nenhuma. Neste formato, apenas temos de dar um pequeno vislumbre do nosso personagem principal. Apenas o conhecemos muito brevemente. Detalhes não são importantes. A ação que tomam sim. Ou seja: as personagens em curtas-metragens, não são incrivelmente detalhadas porque não há tempo para tal. Ou seja, conhecemo-las de passagem apenas, num momento específico da sua vida.

Outra preocupação neste formato mais curto: o tempo. Quando escrevemos uma curta, parece que estamos constantemente numa luta contra o tempo. Não convém ultrapassar os 15 min ou os 20 porque pode ter repercussões na sua exibição. Por isso, como disse, há um maior destaque para as cenas que são usadas e /ou gravadas também porque normalmente não há um grande orçamento para filmar cenas que provavelmente vão ficar de fora do filme. Importa o essencial e o essencial apenas. Por último, existe mais um detalhe importante: em curta-metragem, por norma claro, não lidamos com muitas personagens. Se pouco tempo há para detalhar o/a protagonista, ainda menos existe para definir bem as pessoas à sua volta.

Em longa-metragem, é praticamente o oposto de tudo o que disse em cima. Existe uma certa liberdade quando escrevemos uma cena, pois podemos demorar o tempo que precisamos. Pessoalmente, não senti um peso gigante do tempo sobre mim. Se bem que talvez se deva ao facto de ser um guião que foi escrito sem a intenção imediata de acontecer, ou seja, não pensei em custos de produção. Senti também que nem todas as cenas que escrevi servem para avançar com a narrativa. Algumas servem o propósito contrário: o de a abrandar um pouco. De permitir às personagens e até ao leitor respirar um pouco. Normalmente nessas cenas, escrevo-as ou sem diálogo ou com este muito reduzido.

Existe também a questão das personagens. Neste formato mais longo, estas convêm serem bem-definidas. Os detalhes são importantes. Se falharmos em escrever personagens tridimensionais, então o guião está praticamente arruinado. Portanto, as suas motivações, as suas ambições, a forma como tratam os outros à sua volta, como se comportam quando estão sozinhas, como lidam com os problemas pessoais... Tudo contribui para termos boas personagens. Sejam elas as personagens principais ou secundárias. O segredo está nos detalhes. Nos pequenos gestos que fazem. Uma expressão, um movimento de mão, a forma como estão sentadas, por exemplo.

Por último, uma das maiores dificuldades que senti foi sem dúvida, em manter o foco nas duas personagens principais, sendo que o seu caminho era praticamente paralelo. Não queria sentir que estava a dar mais atenção a uma do que a outra porque tanto Maria como Daniel são partes importantes da equação. E, portanto, esta prática de mudar constantemente de personagem foi muito complicada porque, por outro lado, também não queria que parecesse algo mecânico: agora a nossa atenção nesta cena está aqui e na próxima vai estar ali e o mesmo sucessivamente pelo resto do guião. E havia ainda a questão de realçar as personagens que estivessem em volta de cada um. Resumindo: estar a escrever duas linhas narrativas paralelas foi desafiante, principalmente porque não queria que uma fosse mais importante que a outra. Ambas teriam de estar entrelaçadas, tem de ter uma ligação simbiótica. Até porque o que acontece na linha narrativa de Maria, impacta a narrativa de Daniel, e vice-versa; portanto, esta foi talvez das maiores dificuldades do projeto.

## Conclusão

Não posso deixar de negar que o desafio foi mais difícil do que eu estava à espera. Houve momentos, em que duvidei das minhas capacidades. Duvidei que iria conseguir entregar algo finalizado principalmente porque é um projeto que senti que conseguiria trabalhar nele durante, idealmente, um ano e tive de o fazer em três meses. Claro que foi difícil também aceitar o facto de que a curta-metragem que eu já estava a planear há mais de um ano, não iria acontecer. No final, esta escolha foi a melhor.

Nunca conseguiria gravar um projeto como o *Supernova*, com o orçamento que tínhamos e com uma equipa reduzida, pois como foi apelidado é um projeto ambicioso e como tal precisa de uma equipa grande. No entanto ao escrever *O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus Confia-se, nos Homens não)*, pude aprender bastante sobre mim e sobre a tremenda, mas recompensadora experiência que é escrever um guião de longa metragem.

Independentemente do que acontecer, tenho um sentimento de missão cumprida. Tenho a convicção de que este projeto foi ideal para finalizar o mestrado. Sinto uma espécie de ligação com a personagem de Maria: de que por vezes nos sentimos tão perdidos, tão desmotivados dos que nos rodeia de que por vezes desistimos. Mas não podemos ter essa mentalidade. Temos de trabalhar pelo que queremos e acima de tudo temos de nos tentar manter boas pessoas.

Não vou mentir, existe uma certa melancolia presente. A Universidade da Beira Interior e por conseguinte a Covilhã, foram a minha casa durante 4/5 anos. Quando cheguei aqui tinha 18 anos e ainda não sabia muito bem o que queria. A única coisa que tinha certezas era de que queria contar histórias. E queria aprender. Agora com 23 anos, apesar de sentir uma incerteza gigante na mesma, mas desta vez em relação ao futuro em vez do presente, tenho esse desejo intacto. Acabar este percurso com uma história em que uma das personagens aprende bastante sobre si mesma quando está numa terra longe de casa parece ligeiramente apropriada.

Digo-o sobre o projeto e também sobre estes últimos 5 anos: foi difícil, achei muitas vezes que não iria terminar de forma bem-sucedida, mas ultimamente aprendi bastante sobre mim mesmo. E quem sabe talvez numa realidade alternativa, num futuro distópico consiga trazer *O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)* para a nossa realidade. É uma porta que ficará... entreaberta?